

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest	Trim.	N.º de entrega
	20 n.º	10 n.º	9 n.º	
Portugal (franco de porte, m. forte)	28800	14900	6950	6120
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	23000	—	—
Extrang. (tunção geral doseorrcios)	56000	28500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 616

5 DE FEVEREIRO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Mimi lhe chamavam.

E este nome tão de criança, que lembra tanta ternura e meiguice e parece o titulo d'um poema infantil, ficava-lhe perfeitamente aos seus cabellinhos brancos, ao seu ar doce, ao seu modo de ser feito de brandura, de bondade, de ideias de justiça, alma de santa com uma intelligencia d'anjo.

Mimi lhe chamavam, mas era glorioso o seu verdadeiro nome.

D. Maria Adelaide d'Almeida Garrett casara, ha muitos annos, com o Dr. Carlos Guimarães, o medico estimadissimo por todos os frequentadores de Cintra e cujo coração é bendito pela pobreza.

Foi ali, n'aquella terra que parece a realisação pela natureza d'um novo paratzo no mundo, que os seus annos deslisaram serenos, eguaes, sem quasi uma sombra, a não ser d'estas que a crueldade da vida a todos traz indistinctamente, como se fosse a Injustiça que os homens devessem figurar com uma venda nos olhos.

Aquella natureza potente, aquella montanha que é um ramalheto enorme de verdura e flores envolto n'uma atmosphera de perfumes, tudo quanto n'aquella terra fala mansamente ao espirito, poderosamente ás phantasias, aquella extraordinaria, pujantissima belleza, que não tem rival e possui todos os tons, desde os mais graves aos mais encantadores, tudo quanto ali fala misteriosamente ou canta em coro suavissimo que vai direito ás almas, a conversar com ellas, a encantal-as, a subjugal-as para depois as enlevar, tudo era um quadro digno d'aquelle sensibillissimo coração, capaz de todos os sentimentos bons, d'aquelle formosissimo espirito, claro como um dia de luz, penetravel para quanta idéa tivesse um fundo de caridade christã, de bondade, de modestia, elle, que tinha, como nenhum, o amor santo ás pessoas por um ideal do Bem, ás coisas pelas memorias acordadas, alma herdeira da de Garrett, cuidadosa no cultivo da saudade.

Se os herdeiros teem que dar contas a Deus da herança recebida, ella apresenta a juizo, sublimadas, todas as virtudes de seu pae.

Digna filha foi do poeta que, longe da patria, escreveu aquelle extraordinario livro, o poema em versos brancos, o *Camões*, e cantou tão docemente a saudade e a rosa purpurea e bella. D'elle herdou sua filha aquella sentimentalidade intelligente que tantas lagrimas enxugou. Como ella comprehendia a dôr, como sabia reflectil-a no proprio coração! E, reflectida, era balsamo, luz suave de luar, que consolava a dôr alheia.

Como as do poeta acima da humanidade que compoz o *Fr. Luiz de Souza* e, descendo ao fundo das almas, soube em fraze simples descrever as maiores paixões e a maior das dôres, as suas palavras meigas, d'uma simplicidade só attingivel pelos que sentem muito, iam directas ao coração, tinham uma unccão religiosa, abriam aos desesperados horizontes novos em que brilhava uma luz placida, serena, em que os olhos descansavam gostosos.

E, para que nada lhe faltasse d'aquelle extraordinario espirito que, por vezes, divagava contente

sobre as plantas rasteiras do valle depois de haver subido ao mais alto cume da montanha amado pelo sol, tinha ella, como o auctor das *Viagens na minha terra*, a mesma graça no dizer, no contar as anedoctas, nas observações.

E sempre carinhosa, e sempre boa!
Se Deus lhe perguntar o uso que fez d'essa extraordinaria herança com que a dotou a alma genial d'um dos maiores poetas portuguezes, pode ella responder-lhe, risonha: — «Fix o bem que pude, alegrei os tristes, animei os desesperados, consolei os que soffriam. Dos meus labios

não sahiram senão palavras balsamicas de esperanza. Abri sorrisos em muitas boccas, desfiz muitas rugas, accendi a luz em muitos olhos. Sabia o que herdara e honrei a memoria de meu pae.»

Mal o havendo conhecido, pois que lhe morrera sendo muito nova ainda, guardava d'esse tempo da sua infancia uma saudade religiosa, como que perfumada pelo incenso d'um thuribulo.

Possuo e guardo com respeitoso carinho o livro sobre Garrett escripto por Gomes de Amo-

A GUERRA EM CUBA



O GENERAL MARTINEZ CAMPOS

o mel, o algodão, o arroz são productos que pelo porto de Matanzas se exportam em larga escala.

Desde muitos annos que a ilha de Cuba é um entreposto importantissimo e a situação, central do seu porto de Havana, de accesso facil a todos os navios que vem da America, augmenta o valor da grande ilha, chegando ella a ser o centro do movimento commercial do continente americano.

Com taes elementos de riqueza, com taes condições de prosperidade comprehende-se bem as fazções e as vantagens que gozara a Hespanha e Cuba. Mas parece que a hora da independencia d'esta ultima se vai approximando, e que a autonomia da grande ilha é inevitavel.

MULHERES HESPAÑHOLAS

AGUADEIRA ARAGONEZA

Para qualquer estrangeiro que só conheça a Hespanha superficialmente, a mulher hespanhola reduz-se a uma — a andaluza, e ainda mais: é aquella que sem hesitar se dá como o typo nacional.

Todavia, não é assim e bem o demonstra o elegante escriptor do reino visinho I. Garcia Ramon n um mimoso artigo, deliciosamente illustrado que a respeito das mulheres de Hespanha acaba de publicar na revista franceza *Le Monde Moderne*.

Na verdade, é bem difficil fazer uma monographia da mulher hespanhola pois que a analogia que se julga descobrir á primeira vista entre as das diversas provincias é apparente, mesmo entre as mais parecidas; entre todas ellas ha um completo antagonismo.

Comprehende-se que essa variedade e distincção de typos femininos de formosura propria, traços adequados, venha das numerosas raças que habitaram a península ibérica.

Sem descer ás minudencias que distinguem as mulheres hespanholas, dizemos que ha typos inconfundiveis que se podem dividir assim: gallegas, salamanquinas, toledana, santanderinas, chulas madrileña, seviñanas, vascongadas, valencianas, catalãs, aragonezas e gaditanas.

Dos onze typos que indicamos, apresentamos hoje aos nossos leitores um dos mais sympathicos — a aragoneza trabalhadora, a gentil aguadeira.

Para os traços de caracter que distingue a aragoneza, traduzamos as palavras que D. Garcia Ramon lhe dedica:

É incontestavel que no ponto de vista do sentimento patriótico, assás radicado nas mulheres hespanholas se deve reconhecer á aragoneza o primeiro logar.

Tem provado mil vezes a virilidade, a força, que desenvolve n'ella o amor pelo seu solo.

Quando ella quer uma coisa, quer — a bem; consideração alguma a desperua; as suas historias amorosas podem fazer fé. É d'uma vontade inquebrantavel.

A aragoneza é franca e leal. Põe-se acreditar na sua fidelidade se ella a promette; soffrerá muito mas não falta á sua palavra, que considera como uma coisa santa. O seu coração apaixonado e perseverante de tudo recebe.

Pode ser amada pela sua energia e actividade, mas ainda mais pelo bello numero dos seus encantos feminis, deveras apreciaveis: ternura, previdencia, delicadeza na sua conducta.

O homem pela sua franqueza cae muitas vezes na brutalidade, mas a mulher, essa sabe guardar melhor a medida.

Emfim, a aragoneza tão sympathica pelo seu caracter, é forte, sadia, de uma belleza severa e mais grave do que a das fascinadoras andaluzas, mas mais perduravel, esposa tão amantissima como mãe fecunda. É bom notar que em Hespanha ha regiões, como a Galliza e as Asturias, onde a maternidade é uma verdadeira paixão.

Distingamos, pois, a trabalhadora aragoneza.

Uma pagina de historia contemporanea

(Conclusão)

No conjunto de factos e documentos a que nos referimos, resulta evidentemente que a marinha no dia 11 d'Agosto fez tudo quanto era humanamente possível para obter o triumpho; se o não conseguiu não se lhe pode imputar o desastre, mas ás circumstancias topographicas, ao inexcedível valor e intrepidez dos Voluntarios da Rainha, ás difficuldades d'um desembarque, debaixo do fogo vivissimo dos fortes, que não poderam ser todos calados pela artilheria da esquadra, aos obstaculos do terreno, agravados

depois pela escuridão da noite, finalmente á superioridade das forças liberaes, que antes de terminar a accção surgiram sob o commando do conde de Villa Flor no campo de batalha.

As batalhas ganham-se ou perdem-se segundo as circumstancias. Tambem em Waterloo os soldados francezes fizeram prodigios de valor, e contudo foram vencidos pela firmeza e acertadas disposições do duque de Wellington. E os documentos que temos á vista e muitos outros a que por falta d'espaco nos não podemos referir, revelam a pericia do Conde de Villa Flor com os meios que tinha á sua disposição para obstar, não ao bombardeamento, mas ao desembarque. É o proprio almirante Rosa que confessa a impossibilidade não só de tomar a cidade defendida pelo castello de S. João Baptista, mas a ilha toda, preparada para a lucta. O capitão general Henrique da Fonseca de Souza Prego no seu officio ao conde de Basto em desolto d'Agosto de 1829 é quem affirmar que a Ilha Terceira estava em respeitavel estado de defesa, que os pontos susceptiveis de serem atacados eram poucos e de difficil accesso.

Pode por tanto dizer-se que frustrado o bombardeamento, a força miguelista expedicionaria, mesmo que tivesse effectuado o desembarque teria de luctar em terra com forças quasi superiores.

Esta é que é a pura verdade, e que responde ás asserções dos que attribuem a traição, e não aos poderosos meios de que dispunha o partido liberal, na Terceira, o triumpho.

Interpretamos o pensamento da illustre commissão dos festejos, brindando á marinha portugueza pela sua conducta n'aquelle dia memoravel de 11 d'agosto, dando-lhe o primeiro logar nas suas manifestações, porque a encontramos sempre grande, forte e patriótica, não só no começo da monarchia, mas sempre, em todos os tempos.

Outros factos ha que resultam dos acontecimentos que tiveram logar n'aquelle dia em que se manifestava abertamente a generosidade dos academicos voluntarios da Rainha, e que se reflecte tambem no conde de Villa Flor que era o primeiro a dar-lhes o exemplo na clemencia, nas grandes virtudes militares. Fora elle que substituiu ao reinado do terror e da violencia antes da sua chegada, um reinado de paz e tolerancia.

Mais tarde essas virtudes tambem se manifestam no Duque de Bragança, regente em nome da Rainha. Para comprovar esta asserção citaremos de passagem um facto desconhecido da geração moderna que teve logar na ilha Terceira depois da chegada do Duque de Bragança a esta ilha.

Fora condemnado á morte Manoel Augusto Coelho tenente coronel que servira durante muitos annos, com honra e fidelidade. N'isto sua esposa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Dulcem lembra-se de procurar o Duque de Bragança, acompanhada de sete senhoras, tambem esposas de outros condemnados, e dirigem-se ao palacio aonde residia o ex-imperador e que é hoje o do Governador civil. Estava em conselho o Duque de Bragança com o marquez de Palmella e com o conde de Villa Flor.

Annunciada a visita d'aquella illustre senhora ao imperador, manda-a entrar com todas as da sua comitiva. Entrando ella e as suas companheiras lançaram-se-lhe aos pés. Usando da palavra aquella nossa illustre compatriota dirige-se ao imperador n'estes termos.

Senhor: até quando os serviços d'um leal, servidor, como foi meu marido, que servio o augusto pae de V. Magestade não merecem outro galardão senão o de uma condemnação á morte? Veja V. Magestade que taes actos nos deslustram e ao seu governo, e eu e minhas companheiras, vimos pedir-lhe que pense bem no que faz, pois não pode soffrer a deshonra no patibulo, quem, como meu marido, foi sempre soldado fiel e homem de bem. O imperador franziu a sobrelleira e, em tom agastado objectou-lhe que se seu marido não soffresse a pena do patibulo, que havia de andar com ferros aos pés, como succederia aos duques de Lafões e Cadaval se fossem capturados. A isto respondeu a intrepida terceirense: *Pois se tão ignominiosa pena tem de soffrer, ou outros nas mesmas circumstancias mais lhes vale, senhor, serem enforcados.* Commoveu-se o imperador com estas palavras e respondeu-lhe que se fossem em paz porque a clemencia havia de alliar-se com a justiça. E assim terminou este dialogo unico na historia em que sobresaem as virtudes d'aquella generosa esposa e benemerita mãe de familia, e ao mesmo tempo mostram que o primogenito de D. João 6.^o, cuja educação como a de seu irmão o principe D. Miguel, não fora

das mais aperfeçoadas o era comtudo em sentimentos de commiseración e de piedade.

O marquez de Palmella, á saída accrescentou ás palavras do imperador estas tambem consoladoras — *Não se afflija minha senhora que o imperador ha de mostrar-se como sempre clemente e justo.* Se a historia pode commemorar este facto de clemencia e justiça, deve-o á *gravidão dos membros d'essa honrada familia que me subministraram todos os elementos para o commemorar n'este jornal.*

E ao terminar este trabalho seja-nos permitido a proposito d'essa accção de 11 d'agosto e dos seus resultados, aventar uma idea que julgo digna de consideração, isto é, de uma visita aos Acores do augusto neto do Duque de Bragança e de sua augusta esposa, á terra heroica da liberdade e da independencia portugueza e que lhe valeu o glorioso titulo de Angra do Heroísmo. É a unica cidade do mundo que possui semelhante titulo.

SS. MM. iriam saudar o monumento de seu augusto avô, que domina a cidade de Angra e a sua formosa bahia, visitar o theatro de tantas façanhas durante tres seculos; o Castello do S. João Baptista, hoje quasi desprovido d'antiga e moderna artilheria, e cujo abandono contrasta com os successivos melhoramentos que a Inglaterra introduz em Gibraltar; a grande e formosa cidade de Ponta Delgada, hoje a rainha do Atlantico, nos Acores, e aonde ultimamente teve lugar uma exposição fabril, industrial e agricola, com tanto esplendor, que não destoa de muitas exposições que tem tido logar no continente do reino; o *Valle das Furnas*, que na estação balnear e mesmo durante o anno attraem innumeros visitantes da grande republica da America do Norte; as *sete cidades* outro valle que rivalisa com os mais esplendidos da Suissa e da Italia, alguns dos quaes visitamos na Suissa, na Italia, e no Oriente, e que foi ultimamente cantado em verso pelo primeiro poeta dos Acores que por modestia occultou o seu nome sob o pseudonimo de *Mendo Bem*, e a quem agradecemos por este meio e julgamos dever agradecer n'este jornal a brilhante poesia que nos dedicou, descrevendo a *Lagoa das Furnas Secas*, as ilhas de Santa Maria, do Fayal, Pico, Graciosa, S. Jorge e o Corvo, que contem tambem paesagens, dignas de se verem, sendo que emquanto á pequena ilha do *Corvo*, foi ali que o grande estadista Mousinho da Silveira quiz ser sepultado.

Aos chefes de estados, aos conductores de povos incumbe o rigoroso dever de visitarem não só os paes estrangeiros, n'um intento de boa e illustrada politica, mas tambem as provincias d'alem-mar que administram e governam, não só para justifiarem a confiança n'elles depositada, mas em virtude do aphorismo que dentro da carta constitucional elles não somente reinam mas governam, porque só assim se realisa e se exerce na phrase de D. Pedro V. o penoso officio de reinar.

Ahi deixamos pois consignado este alvitre, que tomamos a liberdade, n'este lugar, por não nos ser permittido fazel-o pessoalmente ou por outro meio, de submeter á alta consideração e reconhecido patriotismo de SS. Magestades.

Os Acores pela intrepidez dos seus habitantes de que deram provas exuberantes durante tres seculos, pela sua adhesão ás instituições liberaes, pelas bellezas que a natureza lhes prodigalisou, bem merecem tal visita e se SS. MM. se dignarem visitar-os no novo *Adamastor*, no cruzador que se está construindo e que deve estar concluido no prazo d'um anno, mais solemne se tornaria essa visita que coincidiria com este principio de rejuvenescimento da nossa marinha de guerra, coincidindo igualmente com a remodelação do nosso exercito, cuja disciplina recebeu ultimamente da bocca do Imperador Guilherme II um testemunho insuspeito d'admiração.

Dr. A. M. de Tavora.

O DIARIO DAS CORTES

(Continuado de paginas 29)

A collecção do diario de 1852 consta de seis volumes, contados da sessão de 2 de janeiro até á dissolução das cortes em 21 de julho.

A sessão real de 19 de dezembro de 1852, na qual prestou juramento el-rei o senhor D. Fernando, a assumir a regencia em nome de seu filho o senhor D. Pedro V., veiu só publicada no Diario do Governo, bem como as sessões de 21 a 31 do

A GUERRA EM CUBA



ANTONIO MACEO
GENERAL COMANDANTE DOS INSURRECTOS



MAXIMO GOMES
PROPAGANDISTA DA INSURREICAO

mesmo mez. No dia 31 foi o encerramento das Cortes.

Na sessão de 21 o deputado D. Rodrigo de Menezes (depois conde de Cavalleiros) apresentou uma proposta que foi apoiada pelo deputado Sotto Mayor, para que a camara nomeasse uma comissao para se estudar o melhor meio de se remediar a irregular publicação do Diario das Cortes, que, além de absorver enorme despesa, se achava atrasado cinco mezes.

Esta judiciosa proposta foi approvada pela camara, mas nada se fez, continuando do mesmo modo irregular a publicação do Diario durante os annos de 1854 e seguintes, devendo notar-se que as sessões do mez de Janeiro de 1855 sahiram mal resumidamente impressas, em formato de folio grande, que distoava completamente do formato regular e ordinario das collecções já publicadas.

Este disparate durou felizmente apenas o referido mez, voltando o diario a sahir no antigo formato.

Eram ainda a esse tempo redactores do Diario das Cortes João Maria Gastão (1.º redactor) e José de Castro Freire de Macedo.

Em 1860 sahiram seis volumes contendo as actas e discussões desde 2 de Janeiro até 4 d'agosto, e um outro volume (o 1.º da seguinte sessão ordinaria) de 4 de novembro até 31 de Janeiro de 1861.

Dahi em diante até ao fim do anno de 1868 o Diario das Cortes deixou de existir, sendo as sessões das duas camaras publicadas no Diario do Governo.

Essa supressão foi motivada por uma proposta apresentada na sessão de 12 de Janeiro de 1861 pelos deputados D. Rodrigo José de Menezes, Luiz Augusto Rebello da Silva, D. Luiz da Camara Leme, Thomaz de Carvalho, conde da Torre e F. L. Mousinho d'Albuquerque, e para que o Diario da Camara dos Deputados fosse incorporado no Diario de Lisboa, folha de grandes dimensões (a qual lá aqui nos referimos) creada em 31 de outubro de 1855 para substituir o abolido Diario do Governo, e que, pelo seu monstruoso formato, podia satisfazer plenamente esse encargo.

Para essa proposta que não era mais do que a renovação d'aquella feita em 1853 pelo primeiro dos ditos deputados, resultava uma economia

de 1,200,000 reis, ainda mesmo mettendo em linha de conta o augmento de despesa na folha official do governo, bem como no pessoal do corpo tachygraphico o qual, necessariamente, teria de ser ampliado.

No entanto a proposta foi approvada e as sessões passaram por conseguinte a ser publicadas na sua integra no Diario de Lisboa, durante este estado de coisas desde fevereiro de 1861 até a reforma de 11 de dezembro de 1868, em que, pelo § 2.º do artigo 1.º d'esse decreto, foi estatuido que o Diario das Cortes fosse desencravado da folha official e passasse a formar collecção em separado.

4.ª EPOCA

Começa a quarta epoca do Diario das Cortes com a sessão de 4 de Janeiro de 1869.

Trouxe o titulo, que ainda hoje conserva:

DIARIO DA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

Durante esta nova epoca de publicação teem sido seus redactores: Antonio Xavier Rodrigues



O VALLE DAS FURNAS -- VILA ANTIGA «UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA»

Cardoso antigo redactor do *Litense* e poeta primoroso. Nomeado em 1 de fevereiro de 1874, pela vaga deixada por Souza Monteiro, e aposentado em 1893.

João Chrysostomo Milicio (hoje visconde de Milicio) nomeado em 12 de Janeiro de 1863 pela vaga deixada por Baptista Gastão, e exonerado, a seu pedido, em 15 de Janeiro de 1890.

João de Sousa Machado, actual redactor chefe. Nomeado em 4 de dezembro de 1863 pela vaga deixada Freire de Macedo, e nomeado redactor chefe em 1 de julho de 1893.

Antonio Silvestre do Rego que teve a sua nomeação em 18 de julho de 1884.

Manuel Antonio Pereira Junior. Nomeado redactor provisorio em 3 de abril de 1885 e definitivamente em 18 de Janeiro de 1890.

Francisco da Sá Nogueira em 23 de abril de 1885.

E finalmente os srz. José Augusto Barbosa Golen e Affonso Xavier Lopes Vieira, ambos de recente nomeação.

Hoje a redacção do *Diario da Camara dos Senhores Deputados* faz-se com dobrado numero de redactores que havia ao principio. Porquê? ... É problema que não podemos resolver. Tem augmentado o numero de discursos? Tem augmentado os dias das sessões? Será a tendencia que ha sempre no nosso paiz em augmentar as despesas do estado? Que nos responde quem quizer.

Vejamos agora o que se tem dado com o *Diario da Camara dos Dignos Pares*. E publicação mais moderna que a da outra camara. Foi a constituição de 1838 que lhe deu origem.

Formará este assumpto o nosso seguinte artigo.

(Continua)

Silva Pereira.

UM D. JOÃO DE CASTRO DE GAPA E ESPADA

X

(Continuação de n.º 618)

A preciação — a *theoria christã* — eis a forma mais apparatusa e imponente, com que sempre se manifestou o sentimento religioso dos povos meridionaes, e um dos meios mais proficuaes empregados para o alimentar e robustecer. Fallavam as preciações aos olhos, aos sentidos; atraíam a curiosidade de todas as classes; conyocavam o povo; aproveitavam-se a industria e o commercio — eram, n'uma palavra, umas festas em que, sem escandalo para o tempo, o sagrado se alliava ao profano. Concorriam n'ellas o esplendor e riqueza das imagens e as galas e louçanças das damas e cortezaes, e rivalizavam as ordens monasticas, disputando, entre si, qual fosse a mais numerosa, n'estas grandes aiações da milicia catholica.

Eram recentes, e não estavam de todo explicitas as grandes e terriveis luctas religiosas, no centro e no norte da Europa; dominava no Meio dia, ainda pupante e altiva, a Santa Inquisição. Impunha-se a Turquia pelo terror das suas armas; não era, estava ainda longe de ser, o *cadaver*; como hoje lhe chamam os diplomatas. O Grão-Senhôr de Constantinopla tinha exercitos e esquadras; o crescente do Propheta tremulava guerreiro e vivante nos mares, provocava cruzadas na christandade. Os turcos invadiam a Europa, desfraldavam o estandarte vermelho nas muralhas de Candia, e davam a mão aos corsarios berberescos, que infestavam o Mediterraneo e assaolheravam as costas de Portugal e de Hespanha, apressando navios quasi á vista de Lisboa, e sob o alcance das nossas fortalezas!



A CIDADE DE PONTA DELGADA -- VILA ANTIGA «UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA»

Quem estava livre, n'esse tempo, de, ao sair da barra, e, ainda por assim dizer, a sombra da terra, cair nas garras d'um corsário? Diplomatas que partiam da corte ufanos, para desempenharem altas missões na Italia, na Inglaterra, em França, na Hollanda; capitães illustres, que voltavam da India ou do Brazil; negociantes, aventureiros em busca da gloria e da fortuna; missionarios que iam evangelisar nas terras das nossas conquistas, se não iam nas esquadras, ou em grandes comboios, bem armados e promptos para o combate, corriam o risco de ver os seus planos malogrados, as ambições frustradas, as riquezas — sonhadas ou adquiridas — perdidas e roubadas, e elles captivos, quem sabe, por toda a vida, e amarrados na chusma, como escravos, ao banco d'uma galé mourisca, ou presos nas masmorras de Argel e de Tunis!

Por isso quando se fallava no *Redemptor dos captivos* sentia-se como um choque electrico: estremeciam todos, e os olhos longos, interrogadores e ansiosos, voltavam-se para o mar, prescretavam, agudos e avidos, o horizonte, e pareciam pedir-lhe, implorar-lhe a volta, o retorno d'uma esperança, que n'elle se lhes esvaia!

— A nau dos captivos! Está á barra! Vem entrando!... Já fundeu!

Quando em Lisboa soavam estas palavras, e a noticia corria de bocca em bocca, é difficil imaginar o que seria o tumultuar dos animos, o ancio, as ambições, ora vivas, ora mortas, da esperança, essa corrente agitada, violenta, da curiosidade mais sincera, mais sympathica, mais irresistivel — a curiosidade do coração! Quem não tinha no captivo um pae, um filho, um irmão, um parente, um amigo? Vicia agora? Ficaria lá... Estava ainda vivo?... Partiu novo, forte, cheio de saude... Como voltaria?...

Depois vel-os com os olhos turvos das lagrimas da alegria; e abraçai-os, como se resuscitassem; e ouvir-lhes narrar a longa e lugubre historia do captivo, os tratos soffridos, os tormentos do corpo e as tribulações da alma, as privações, as saudades curtidas em tantos annos de ausencia, em terras inhospitas, entre gentes semi-barbaras, e duas vezes inimigas, pela tradição historica e pela religião! Que romances, que dramas, que tragedias!

A nau dos captivos!... Que titulo para uma historia — para muitas! E todas de sangue e lagrimas! Esse navio, que entrava agora, sereno, a barra do Tejo, quantas esperanças levará! — quantas mortes, quantas deceções, quantos desenganos trazia!

Seculo profundamente dramatico — este! Os mais pungentes lances, as mais tragicas aventuras, enfiavam-se, a cada instante, na trama da nossa vida! Em terra a Inquisição — no mar os piratas! Dois terrores, dois mysterios! E ambos sanguinolentos, mortaes!

Uma sociedade como esta, no periodo que tentamos esboçar, vivendo affastada geographicamente dos grandes focos da revolução religiosa, que convulsionava o centro e o norte da Europa; christã e catholica por tradição, por educação, e por conveniencia politica dos que a dirigiam, porque uma scisão, uma heresia, provocando a guerra civil, seria a morte, o aniquilamento d'uma nacionalidade — sempre ameaçada; uma sociedade composta de elementos heterogeneos, que se disputavam a primazia, a influencia na alma do povo e no espirito do rei, tinha necessariamente nas suas crenças, profundamente arraigadas, no sentimento religioso, um dos seus mais fortes esteios, uma força de unificação e de resistencia, a que todos recorriam, e que todos invocavam, quando algum perigo ameaçava a patria ou as instituições. E por isso o cultivavam pela predica, pelo exemplo, e pela força. As naus que partiram para a conquista do Oriente levavam nas velas o symbolo da civilização dos povos modernos; no pavilhão triumphal dos nossos gloriosos e temidos baxéis via-se tambem, em campo branco, o mesmo signal — a cruz de Christo! Andavam indissolvemente unidas as duas idéas — a patria e a religião.

O povo bebia-as com o leite, recebia-as na infancia com a educação, e por isso tinha a fé, isto é, a confiança absoluta na palavra dos sacerdotes, no verbo infallivel da Igreja. Os scepticos e os materialistas — ha-os em todos os tempos — se pertenciam ás altas classes dirigentes, acatavam, por conveniencia propria, e por espirito de classe, por delicadeza, a crença nacional, e conformavam os seus actos exteriores pelas praxes do ritual cortesão — respeitavam os outros, para que os respeitassem a elles. Se não eram crentes, eram

civilizados e politicos. Os proprios depravados, quando banidos da sociedade civil, pelos seus vicios ou pelos seus crimes, forcejavam por voltar a ella pela porta da religião. Quantos a procuraram, que, apagado da memoria dos homens o nome que tinham envilecido, sepultaram com elle o seu passado nas frias paredes d'uma cella, e resuscitaram para o mundo, arrependidos e regenerados! Alguns d'elles, os que tinham talento, brilham ainda hoje nas paginas da nossa historia.

Corria o anno de 1669, e jazia em ferros, na Torre de Belem, D. João de Castro. Como elle supportaria esse castigo não é difficil imaginar-o, quem, como nós, já conhece o animo insofrido do truculento fidalgo. Que não envelheceria na prisão, quasi o temos por certo; mas, de todos os modos de evasão, o que lhe surtiu effeito, é exactamente aquelle de que nunca nos lembrariamos, tão extraordinario é pela sua innocencia, pela sua maravilhosa ingenuidade!

Fallamos das procissões religiosas. Em outubro d'esse anno fez-se em Lisboa uma, que atrahiu innumera gente, tanto da cidade como de fóra, tornando vistossissimo o concurso ao apparatus espectacular. Promoveram a os padres carmelitas caçados, com o fim de celebrarem a canonização de uma santa da sua ordem — Santa Magdalena de Pazzi. Espaventosa foi ella, e «era tanto o numero dos carros, figuras de cavallo, invencões, e danças, que se viu vencida a riqueza da arte e o magestoso da novidade» — diz fr. Alexandre da Paixão. E porque se deu á estampa, continua elle — não relato individualmente as particularidades do acto.

Curioso documento seria este, e, se elle de todo se perdeu, é pena que o auctor o não incluisse na sua interessantissima chronica.

Mas não entra aqui a famosa procissão senão como incidente, e até poderíamos dizer que, serviu apenas para justificar um ablativo de... viagem. Desculpe-nos o leitor o tom ligeiro da phrase, porém como se trata d'uma fuga, parece-nos por isso que não destoia.

Como a celebração de tal festa concorreu para a liberdade de D. João, é o que fr. Alexandre nos vae dizer: damos-lhe a palavra.

«Estava o sobredito (D. João de Castro) preso na Torre de Belem, e por occasião de ser a procissão, que fizeram os carmelitas (21 de outubro) na canonização de Santa Magdalena de Pazzi, da sua ordem, pediu licença ao capitão da Torre para a ir ver, prometendo-lhe á fé de cavalleiro, de ir no sabbado e vir no domingo com tanto recato, que nenhuma pessoa o soubesse. Fiado na palavra, em que não devera fiar quem sabe que turcos não costumam guardar fé, lhe deu o tal licença, lembrando-lhe que o não lançasse a perder, o que seria facil, se Sua Alteza o soubesse.»

E' característico o facto, e define a epocha. Possivel então, hoje parece nos phantastico! E por isso dissemos que de todas as evasões imaginaveis, esta seria a unica de que nunca nos lembrariamos. O governador d'uma fortaleza, que tem sob a sua guarda um homem como D. João de Castro, preso a ferros, á ordem, não d'um corregedor, mas do proprio Regente, deixa-o sair, para ver uma procissão! Da boa fé do criminoso fazemos idéa, já o conhecemos; ao governador não, o auctor não nos diz quem elle era; mas fosse quem fosse, o que para nós resalta d'esta scena, o que nos dá a côr local, é D. João de Castro julgar que o desejo de ver uma procissão era um motivo, um pretexto attendivel, para pedir, e o outro, funcionario da confiança do Regente, acceital-o, e julgal-o rasão sufficiente, para conceder!

Emquanto a fr. Alexandre parece nos elle severo em demasia, n'este ponto, quando chama turco a D. João. Turco, porque? Se elle viu, ou não, Santa Magdalena de Pazzi atravessar processionalmente as ruas da velha cidade, ninguem hoje o poderá affirmar ou negar; os que o podiam denunciar ou prender não boquejaram. Elle, do que prometeu, só deixou de cumprir uma parte — é verdade que era a mais importante, mas quem esperaria que elle o fizesse e voltasse para a prisão? Tem attenuantes o crime no natural amor á liberdade: só tem uma quem lh'a deu — a boa fé, quando o soltou, sem auctorização de quem o mandara prender.

Do governador da Torre nada mais nos diz a chronica. Foi castigado, como devia? Como apreciaram a sua leviandade? Justificá-a-ia, aos olhos do tempo, o pretexto, o fim allegado? Não o sabemos.

Ignoramos o destino que teve este guarda infiel, que para D. João foi um verdadeiro anjo cus-

todio, mas não se dá o mesmo com o seu protegido. Este não tardou que de Hespanha mandasse noticias bem suas — amores e estocadas!

(Continúa)

Zacharias d'Aça.

A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA, POR S. ADKUNG

Meu tio não podia levar á paciencia que um homem, possuindo, como eu, o titulo de barão Wart de Ulmbach, se quizesse fazer «pintamónos» e não perdia a esperanca de qualquer dia me ver voltar ao bom caminho e procurar melhor modo de vida. Não que elle fosse ignorante, ou nutrisse desprezo pela Arte, mas, la para elle, os artistas não passavam de operarios de obra fina, cuja unica missão era a de «infeitar as coisas superfluas da nossa vida» — E fossem lá convencel-o! As minhas rajadas entusiasticas acerca das transcendentes aspirações da pintura, da superior belleza d'essas immorredouras obras da arte, respondia com visagens de desdem e compaixão, e dizendo: «meu amigo, o que tu tens e minhocas n'essa cabeça», e punha-se a dar estalinhos com a lingua. Lá para elle, o meu talento era questão de moita duvida: «De tres coisas ha de prescindir o pintor que quizer tomar a serio a sua arte: — appellido nobre, dinheiro e mulher.» A esta ultima condição satisfazia eu, por emquanto, plenamente, as outras duas, porém, não estava na minha mão evital-as: e d'ahi, dediquei-me á pintura, de alma e coração, muito contra a vontade de meu tio, e este, posto me considerasse seu herdeiro, parecia resolvido a fazer-me esperar por muito tempo a herança. Ora, em primeiro lugar, isso pouco cuidado me dava, e em segundo, não me assaltava a minima impaciencia de dedicar o meu tempo aos cuidados inherentes á administração de uma fortuna. Assim que perdi meu pae, vim residir para a cidade, e entrei para Escola de Pintura. Até á presente data, fóra a Arte o meu constante sonho, e apesar dos sombrios vaticínios de meu tio, estava a ponto de ver realisado o meu sonho, de modo menos ideal, sem duvida, mas muito mais brilhante, do que me era dado anticipar. Em caso algum trocára pelo mais lauto festim esses modestos jantares e as coias que eu e os meus collegas saboreavamos em commum, com tão genuina e franca alegria, e tão classico appetite, nas casas de pasto de segunda ordem. Que ricos sonhos, que sonhos de pedra que eu dormi, embalado pelos meus dourados e fagueiros sonhos, n'esse colção que mais parecia uma saca de batatas, da casa de hospedes da ponderosa viuva Aiker, a phoenix das patroas! — E aquellas ricas patuscadas, aos domingos?

Deixemo nos porém de conversas, e voltemos ao assumpto.

Era em fins de novembro, o dia estava escuro, carrancudo, e a tela radiante — verdadeira bachanal de côres — derramava, por assim dizer, ondas de luz por todo o recinto do atelier. Os grupos tão luminosos das figuras, o colorido vibrante das roupagens, o ambiente dourado da atmosphera do quadro, a tranquilla harmonia da penumbra que envolvia os primeiros planos... Em summa, era um encanto!

— Não me recordo bem do assumpto do quadro — nymphas, creio eu, que fugiam não sei de que ou de quem — o que, porém, tenho presente, é a magia; o encanto de tão maravilhosa pagina de colorido, e que manifestei ao meu amigo toda a minha admiração, em termos do máximo entusiasmo.

— A julgar pela composição do assumpto, deve ser um quadro grande; — observei.

— A tela mede 3 metros 35, por 2^m, 150.

N'esse caso não tens tempo a perder.

— Ora! tenho diante de mim um anno inteiro, e sabes melhor que ninguem, a rapidez com que pinto.

Wolkow reassumiu o trabalho que eu viera interromper; estava raspando, com a espatula, o nariz a uma nympa, e proseguiu:

— E tu, amigo? Em que alturas vaes? Estavas, aquella noite, em tal estado... que desalento, que lamurias!

— Que queres tu?... pois olha que, d'então para cá, não adiantei sequer um passo.

— Ainda não encontraste?

— Absolutamente nada!

— Sabes que mais?, disse Wolkow, e atirou com a espatula para cima da banquinha, onde se viam em maxima confusão tintas, pinças, oleos, secantes e toda a paraphernalia do officio. Anda d'ahi, vamos vádiar um bocadito. Por hoje, o que



MULHERES HESPAÑOLAS
UMA AGUADEIRA ARAGONEZA

— Diga-me: de quantas partes se compõe a medicina?

O interrogado estava sobre brasas; já não respondia. O juiz continuava:

— Sabe o que é anatomia?

O reu... moita.

— Sabe o que é pathologia?

O reu... moita.

— Sabe o que é physiologia?

O intrujão... moita.

O magistrado suspendia o interrogatorio, voltava a cara para o lado e sorria. O escrivão só a custo pôde conter uma gargalhada. Aquillo foi uma exauctoração. O doutor, como medico, estava morto. Pallido e abatido, quando o juiz o mandou retirar do gabinete cambaleava e foi preciso o official amparal-o para elle descer á prisão.

No dia seguinte, porém, recobrado o animo e esquecida a scena da vespera, o doutor chamava o carcereiro e dizia-lhe:

— Estou doente. Vá chamar os meus collegas.

E lá ia o carcereiro chamar os medicos do partido.

A divisa d'este homem, como a de Danton, era: «De l'audace, encore de l'audace, et toujours de l'audace.»

Oh! os charlatães!...

Tondella, 15 de dezembro de 1895.

Eduardo Duarte.



PUBLICAÇÕES

Portugal Agricola, 7.º anno, n.º 2, 3 e 4. Lisboa, 1895.

A conceituada revista agricola apresenta n'estes tres numeros artigos importantes. E' deveras notavel o estudo dos solos agricolas feito proficientemente pelo sr. Philippe E. A. Figueiredo. Artigo importante pela materia que discute, e o que se intitula: «declaração» no imposto sobre o predio rustico, pelo distincto agronomo D. Luiz de Castro.

A serie de artigos acerca da conservação de fructa do qual o primeiro e do sr. Eduardo Sequeira é uma util popaganda. Todos os demais artigos estão á altura da bem redigida revista agricola cuja propriedade pertence ao illustre agronomo sr. Achilles Ripamonti.

Sal e Pimenta, revista semanal—

Fajal-Açores — 1895.

Tem em vista a nova revista insulana o cumprir a conhecida phrase: *Ridendo castigat mores*. E na verdade bem o faz n'este seu numero 3. Não é falta de espirito a sua proza.

O Brazão de Coimbra, Saporata do «Instituto» volume XLII, n.º 10.

N'este folheto vem o artigo que no Instituto publicou acerca do brazão de Coimbra o illustre investigador sr. A. M. Simões de Castro.

N'este pequeno estudo deslinda-se com notavel erudição a verdade nas modificações que tem soffrido o brazão da poetica cidade do Mondego.

Ao auctor muito agradecerem os exemplar especial com que nos brindou.

Le Monde Moderne, revue mensuelle illustrée— Novembre et Decembre de 1895. Quantin-Editeur, Paris.

Estes dois fasciculos, completam o segundo volume da lindissima revista franceza. E' grande o numero dos seus artigos todos de notavel interesse e muito bem illustrados.

Constituem um verdadeiro modelo no seu genero.

O numero de janeiro com que esta publicação enceta o seu 2.º anno e terceiro volume, traz artigos muito bons e alguns deveras graciosos como por exemplo o das mulheres de Hespanha com lindissimas illustrações.

Altamente interessante é o artigo que trata da exposição de 1900. Entre as construcções artísti-

cas e archeologicas que se apresentarão e das quaes vem as gravuras, apparece a nossa torre de Belem.

Tudo o mais é egualmente curioso.

Revista Moderna, semanario illustrado

Temos presentes alguns numeros mais da elegante publicação.

Entre as suas seccões, a das *Variedades* distingue-se pela agudeza da critica, pouco propria de um semanario para familias.

Estudos historicos e moraes, por D. Francisco de Noronha.— Lisboa — Lucas e Filho; editores.— 1895.

E' um livro de erudição, de estudos comparados, de facil leitura. Delicadamente escripto, assumptos de admiravel escolha, vê-se por todo o livro uma centuria das celebridades mais consideradas na historia. E' livro de ensino e de deleite. E' util e agradável. Pequenas biographias, rapidas notas sobre os caracteres mais celebrados. Em tudo chispa a nota delicada dos vastos conhecimentos historicos do seu auctor.

Almanach illustrado para 1896 — propriedade de F. Pastor. 14.º anno.

Contendo variadas gravuras e uma selecta secção litteraria onde se vêem artigos de interesse e poesias devidas ás pennas mais conhecidas.

Elogio Historico do Visconde de Seabra por José Dias Ferreira.

E' este o discurso feito no dia 4 de dezembro de 1895 na associação dos advogados de Lisboa, pelo socio effectivo da mesma associação o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

E' um trabalho de erudito e de justiça para com o redactor do codigo civil portuguez.

As obras dos Jeronymos.

Com este titulo publicou o sr. Luciano Cordeiro, mais um trabalho para fazer parte da serie que intitulou *Vesperas do Centenario*.

Consta do parecer apresentado pelo mesmo senhor á commissão dos monumentos nacionaes, em sessão de 7 de novembro de 1895. N'elle se alvitraram diversos modos e formas de concluir o grandioso monumento das nossas glorias, e por isso se torna deveras sympathico.

O Instituto.

Esta revista scientifica e litteraria da erudita corporação de Coimbra, vae já no seu volume XII.

Nos numeros que temos presentes, destaca-se como artigo de alto valor o dos *Estudos sobre Sa de Miranda*, pelo erudito dr. Sousa Viterbo. Todos os mais artigos tem importancia relativa e estão á altura da selecta publicação.

NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

por

JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Franco de porte.

PEDIDOS A EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 REIS — PELO CORREIO 220 REIS

À venda na

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39.

casaca preta: era um homem ainda moço, de 27 a 30 annos, estatura regular, cor sadia, olhar vivo e intelligente. Uma rara loquocidade trahia o, denunciando o intrujão imerito.

O juiz, grave e austero, senta-se na cadeira e começa os interrogatorios. Apóz as formalidades do estylo, pergunta ao reu:

— Qual é a sua profissão?

— Medico — responde o homem sem se perturbar.

— Onde estudou medicina?

— Na escola de Goa — acode promptamente o interrogado.

— Muito bem — continua o juiz. A sua carta?

— E' essa que ahí está junta ao processo — diz o reu sem pestanejar e apontando para os autos que estavam sobre a mesa do escrivão.

O juiz pega na carta, examina-a e continua: — Este diploma está falsificado: não lhe pertence. Mas diga-me: quantas cadeiras ha na escola de Goa?

— (O reu visivelmente atrapalhado:) Ha... ha... não sei quantas... não me recordo.

— E' singular! exclama o juiz. Quem foram os seus professores? Como se chamavam?

— (O reu, depois de um momento de hesitação:) Os meus professores, sr. juiz, foram... eram estrangeiros, tinham uns nomes esquisitos, não me lembro d'elles.

O magistrado já não podia conter uns froixos de riso; mas, para não destoar da gravidade do acto, punha a mão na bocca encobrindo o movimento dos labios e proseguia: